

PARTE 2
DOSSIÊ FRANCISCO DE
ASSIS MAGALHÃES GOMES

MAGALHÃES GOMES, FÍSICO E HUMANISTA

*Ângela Váz Leão**

À memória de Francisco de Assis Magalhães Gomes

RESUMO

Este trabalho tem dois objetivos: primeiro apresentar aos leitores da revista *Scripta* e aos jovens universitários a figura de um grande pesquisador na área da Física que foi também um humanista eminente, o Professor Francisco de Assis Magalhães Gomes; depois, publicar um erudito trabalho seu, de crítica etimológica, intitulado “Um erro etimológico: a origem do vocábulo *gallium* para designar o elemento 31 da classificação periódica”. Esse trabalho, apenas introduzido no presente artigo, será transcrito no artigo seguinte.

A partir da segunda metade da década de 60, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal de Minas Gerais via como iminente a sua divisão em seis novas unidades autônomas de ensino e pesquisa, divisão que finalmente foi efetivada pela reforma universitária de 1968.¹ Só então, nós que militávamos ou na Filosofia, ou nas Ciências, ou nas Letras, nos demos conta do que isso representava em termos de empobrecimento cultural para todos: ficávamos privados do rico intercâmbio intelectual, científico e institucional, ensejado não só pelas reuniões da Congregação, do Conselho Técnico e Administrativo e do Conselho Departamental da Faculdade, como também por um diálogo espontâneo e intermitente, mas infalível, no qual o conhecimento se compartilhava sem bitolas e sem as convencionais fronteiras entre os diferentes ramos, tanto nas salas dos professores

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG saíram: o Instituto de Geociências (IGC), o Instituto de Ciências Exatas (ICEX), o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), a Faculdade de Letras (FALE), a Faculdade de Educação (FAE) e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH).

quanto no cafezinho ou nos corredores de dois andares do Edifício Acaiaca ou do Edifício da Rua Carangola.

Aí, a Física de Francisco de Assis Magalhães Gomes, as Letras Clássicas de Cláudio Brandão, a Lingüística de José Lourenço de Oliveira, a Filologia de Mário Casassanta e de Aires da Mata Machado Filho, a Biologia de Schreiber, a Hispânica de Eduardo Frieiro, associadas pouco tempo depois à sociologia de Morse Belém Teixeira, à História de Amaro Xisto de Queiroz, à Geografia de Alisson Guimarães, à Psicologia de Pedro Parafita de Bessa, à Teoria Literária de Maria Luiza Ramos, à Física de Israel Vargas, à Química de Herbert Magalhães (para citar apenas alguns nomes dessa segunda geração), se punham lado a lado, sob a égide da Filosofia do veterano Artur Versiani Veloso, cuja liderança era estímulo para o mais aberto dos diálogos acadêmicos. Não raro, ouvia-se, por exemplo, uma observação pertinente à Literatura ou à Filologia, feita pelo Físico Magalhães Gomes, carinhosamente apelidado Chiquinho Bomba Atômica, em razão de seu papel relevante no desenvolvimento da Física Nuclear no Estado e no País. Era ele, sem sombra de dúvida, um dos que mais se destacavam naqueles bate-papos acadêmicos. Pois, não obstante todos os seus compromissos científicos, sobrava-lhe tempo e gosto para cultivar a leitura dos clássicos, para ler os Evangelhos na Vulgata latina, para investigar etimologias, e mesmo para iniciar o estudo do grego aos 60 ou 70 anos ou para discutir autores contemporâneos, principalmente no âmbito das línguas portuguesa e francesa, cujas literaturas dominava como poucos.

Foi Magalhães Gomes, com certeza, um dos membros mais eruditos entre os que pertenceram àquelas duas gerações – a dos fundadores e a dos primeiros professores já formados na Casa.

Pensando nos nossos colegas e nos estudantes de hoje, que não tiveram a sorte de conviver com ele, ocorreu-me oferecer-lhes uma síntese da biografia do Professor Magalhães Gomes, com a generosa contribuição de sua filha Maria da Conceição Magalhães Gomes Vaz de Mello, minha ex-aluna e também professora universitária.

Francisco de Assis Magalhães Gomes nasceu em Ouro Preto, em 16 de Janeiro de 1906, filho de Francisco de Paula Magalhães Gomes e Amália Brandão de Magalhães Gomes. Seu pai foi médico, botânico e químico, participou da fundação da Escola de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e teve influência decisiva na formação humanista do filho e no seu interesse pela ciência.

Em 1928, formou-se como engenheiro civil e de minas pela Escola de Minas de Ouro Preto e, até o seu falecimento, ocorrido em 17 de julho de 1990, em Belo Horizonte, dedicou sua vida ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa científica e tecnológica em Minas Gerais e no Brasil, tendo participado de forma ativa de praticamente todos os movimentos cuja meta era dotar o país de uma base técnico-científica.

A partir de 1930 foi professor de Física do Curso Anexo da Faculdade de

Medicina e, em 1938, por concurso, assumiu, simultaneamente, as cátedras de Física Geral e de Física Experimental da Escola de Engenharia da UFMG e da Escola de Minas de Ouro Preto. Mais tarde, participou da fundação da Faculdade de Filosofia da UFMG, onde organizou a cadeira de Física Teórica e Superior. Lecionou ainda, durante sua carreira acadêmica, as disciplinas de Física Geral, Siderurgia, Física Atômica, História da Ciência, Estudos de Problemas Brasileiros, entre outras.

Um dos pioneiros dos estudos e pesquisas sobre energia nuclear no Brasil, liderou, em 1953, a fundação do Instituto de Pesquisas Radioativas (IPR) da Escola de Engenharia da UFMG, que se tornou um dos principais centros de investigação científica nesta área. Foi o primeiro diretor do IPR e, nessa função, dirigiu a equipe que instalou o reator experimental Triga, até hoje em funcionamento.

Foi também um dos organizadores e o primeiro diretor do Instituto de Ciências Exatas da UFMG (Icex), implantado em 1967 como resultado do movimento pela reforma universitária e dos esforços feitos para adequar a Universidade aos moldes de uma universidade moderna, com os vários ramos do saber integrados. Na década de 70, organizou e assumiu a direção do Observatório Astronômico da Serra da Piedade, órgão filiado ao Departamento de Física do Icex.

Integrou a comissão deliberativa do Conselho Nacional de Pesquisas (1954-1965) e a Comissão Nacional de Energia Nuclear (1963-1965), da qual se desligou durante o governo Castelo Branco, por discordar não só dos rumos então dados à política nuclear, mas também da perseguição política praticada contra cientistas pelo regime militar. Fez parte, como fundador e membro titular, da Academia Brasileira de Ciências e, já no final de sua vida, foi eleito para a Academia Mineira de Letras, em virtude de sua formação humanista e de sua paixão pela literatura.

Como apaixonado pelas Letras, possuía em sua biblioteca particular, considerada como uma das mais completas do Estado, nesta área, as principais obras dos grandes mestres da humanidade, entre elas várias edições dos *Lusíadas* de Camões, da *Divina Comédia* de Dante, das peças de Shakespeare, do *D. Quixote* de Cervantes, do *Fausto* de Goethe e as principais obras dos grandes clássicos gregos e latinos.

Publicou inúmeros artigos científicos e culturais em diversas revistas, entre elas *Kriterion*, da Faculdade de Filosofia da UFMG, e *Revista da Escola de Minas e Ouro Preto*. Em 1983, foi publicado seu livro *História da Siderurgia no Brasil* (Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo) e, em 1986, o trabalho *Eletrificação no Brasil*, editado pela Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S. A.

Nos últimos anos de sua vida dedicou-se intensamente a temas ligados à história da ciência, tendo escrito vários trabalhos nessa área, notadamente sobre o significado e a importância de Galileu.

Durante muitos anos, em Belo Horizonte, atuou como colaborador do jornal *O Diário*, onde escreveu sobre assuntos de interesse político, social e cultural. No

princípio da década de 80, foi convidado para participar da Comissão Pontifícia constituída pelo Papa João Paulo II para rever o processo que, no século XVII, a Igreja Católica moveu contra o sábio italiano Galileu. A iniciativa surgiu por ocasião da comemoração dos cem anos do nascimento de Albert Einstein, em 10 de novembro de 1979, quando o Papa expressou seu desejo de que “teólogos, intelectuais e historiadores, animados por um sincero espírito de colaboração, estudassem o caso Galileu de maneira mais profunda”. Seus trabalhos sobre Galileu estão, evidentemente, relacionados com a participação na comissão do Vaticano, mas transcendem o aspecto puramente religioso, já que ele sempre foi um ardoroso admirador de Galileu e de seu papel no desenvolvimento da ciência moderna e, em particular, da Física.

Francisco de Assis Magalhães Gomes casou-se com Maria Clara Morgan Birchal (cujo nome passou a ser Maria Clara Birchal Magalhães Gomes), com quem teve treze filhos (cinco homens e oito mulheres). Faleceu em Belo Horizonte, em julho de 1990, deixando, na vida universitária e cultural da cidade, um vazio difícil de ser preenchido.

Pintado em largas pinceladas, sem minúcias pontilhistas que aumentariam demasiado o retrato, esse foi o Professor Magalhães Gomes.

Tive a honra de merecer a sua confiança, de gozar de sua amizade e de me integrar no grupo privilegiado do Professor Veloso, a que também ele pertencia. Além disso, passei a fazer parte da Congregação da Faculdade de Filosofia da UFMG a partir de meu concurso de Livre-docência em meados de 1959, e dos outros colegiados superiores da Universidade a partir de meu concurso de Cátedra em novembro de 1961 – o que multiplicava os meus contatos com o Professor Magalhães Gomes.

Por volta do final da década de 60, lá por fevereiro de 1969, meu grande Amigo e Mestre me confiou verdadeira preciosidade, que agora publico na íntegra, em sua homenagem. Trata-se de um estudo de crítica etimológica, de sua autoria, relativo à etimologia do nome do metal *gallium*, em português *gálio*, tal como foi registrada pelos principais dicionários etimológicos do inglês, do português e de outras línguas românicas como o francês, o espanhol e o italiano e, ainda, por dicionários específicos de algumas ciências como a Química e a Geologia. Guardei cuidadosamente o texto, lido com proveito e admiração, e hoje venho trazê-lo a público, como homenagem ao grande físico e humanista que foi Magalhães Gomes e como um exemplo da cultura geral, não bitolada, que a Universidade produzia lá pelos meados do século passado. Respeitei integralmente a disposição do artigo, apenas usando o negrito para os títulos das obras citadas. Conservei todas as abreviaturas que o autor consignou nas suas citações, retiradas de fontes lexicográficas.

Segue-se o erudito artigo do Professor Magalhães Gomes, intitulado “Um erro etimológico: a origem do vocábulo *gallium*, para designar o elemento 31 da classificação periódica”.

RÉSUMÉ

Ce travail a un double objectif. D'abord il s'agit de présenter aux lecteurs de *Scripta* et aux jeunes gens de l'Université la personnalité de M. Francisco de Assis Magalhães Gomes, un grand chercheur dans le domaine de la Physique qui a été aussi un humaniste éminent. Ensuite, il s'agit d'introduire un travail de critique étymologique et de lexicographie, écrit par M. Magalhães Gomes, dans les années soixante du siècle dernier, sous le titre "Une erreur étymologique: l'origine du mot *gallium* pour désigner l'élément n. 31 de la classification périodique". Ce travail sera transcrit dans l'article suivant.